



## **CORRELAÇÕES ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA DO PSICÓLOGO NA ESCOLA**

Lorrane Beatriz Rodrigues Firmino; Monalisa Peixoto Soares; Betânia Maria Oliveira de Amorim

*Universidade Federal de Campina Grande, [lorrane.firmino@hotmail.com](mailto:lorrane.firmino@hotmail.com)*

**Resumo:** O lugar do psicólogo nas instituições escolares passou por diversas modificações, baseado em práticas tradicionais ou emergentes, atuando individualmente ou junto à equipe de professores e gestores. Entretanto, a escola ainda é um espaço onde o profissional da Psicologia tem sua atuação não reconhecida ou entendida de maneira errônea. O objetivo do trabalho foi identificar como tem se dado a prática do psicólogo no cenário educacional, articulando os conhecimentos teóricos advindos da literatura e a observação em campo realizada em quatro instituições diferentes em Campina Grande/PB. Os resultados apontam que em algumas instituições o psicólogo é reconhecido e tem seu espaço garantido, em outras sua presença é mais solicitada para intervir em situações de emergência e mediação de conflitos. Os principais desafios de atuação identificados estão relacionados à formação do psicólogo; à rotulação de alunos, baseada em diagnósticos; além dos impasses em lidar com as famílias. Conclui-se que há a necessidade de se contextualizar a ação do psicólogo na realidade educacional e social brasileira, propondo uma regulamentação para atuação e fomentando mais discussões na graduação dos psicólogos, além de especializações para que o profissional da Psicologia possa trabalhar e afirmar seu lugar no campo educacional.

**Palavras-chave:** Educação, Psicologia, Psicologia Educacional, Atuação do Psicólogo.

### **INTRODUÇÃO**

Ao refletimos sobre relações entre a Psicologia, como estudo dos processos mentais, comportamentos, relações e desenvolvimento do ser humano, e a Educação, como intenção de desenvolver no indivíduo a consciência de suas potencialidades diante do grupo social e no meio em que vive, podemos questionar: “qual a função do psicólogo na escola?”.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394/96 (LDB) define os objetivos, as prioridades, as condições e meios que devem reger a política educacional do país. Apesar de considerar fatores psicológicos e psicomotores (Art. 29 e Art. 59), a LDB não aborda a função do psicólogo (DEL PRETTE, 1999). Percebemos que muitos profissionais da área da educação não sabem qual o papel do psicólogo escolar, inclusive os próprios profissionais da Psicologia, que durante sua formação costumam pouco ver sobre a Psicologia Educacional - muitos desses psicólogos acabam trabalhando na escola, inicialmente não por interesse próprio, mas por questões de oportunidade, o que leva a alguns desses exercerem uma prática mais clínica e focada no sujeito.



A Psicologia no Brasil possui uma herança de laboratórios (1900 – 1930), passa pelo tecnicismo (1930 – 1960) e a partir da década de 1960 o trabalho do psicólogo passa a ter uma configuração mais adaptacionista – o psicólogo escolar era tido como solucionador de problemas, especialmente os de comportamento e aprendizagem (GUZZO et al, 2010). Somente a partir da década de 1990 é que

a grande diversidade do trabalho do psicólogo educacional, para além dos muros da escola, trouxe reflexões mais críticas acerca da formação e atuação desse profissional. Essas últimas décadas foram mais marcadas por novos encontros entre Psicologia e Educação, assumindo um direcionamento dialético da compreensão do desenvolvimento humano e não apenas das dificuldades de aprendizagem e comportamento, mas que perpassam ambientes mais amplos do contexto educacional como, por exemplo, espaços comunitários, núcleos, associações, entre outros (GUZZO et al, 2010, p. 134)

Nesta perspectiva, Souza, Ribeiro e Silva (2011) entendem que o que define o psicólogo escolar não é o seu ambiente de trabalho, mas o seu compromisso com uma teoria e uma prática que dizem respeito à escola.

Guzzo et al (2010) atenta para a distância entre o que se atribui ao psicólogo escolar na teoria e as demandas que se espera sejam atendidas no cotidiano da escola. Por isso, é importante considerar que o compromisso dos psicólogos com a melhoria da qualidade da educação é expressa não apenas na sua prática profissional como também na sua produção científica. Muitas pesquisas se desenvolvem como demanda do interesse de pesquisadores (para trabalho de conclusão de curso, dissertação de mestrado, etc) e não do profissional da escola. Isso acaba gerando material de recortes temporais e espaciais e teorias que não se aplicam as inúmeras realidades brasileiras. Del Prette (1999) ressalta a necessidade de superar a dicotomia pesquisador-psicólogo profissional para gerar a possibilidade de mapear e conhecer melhor a realidade das escolas, pois o compromisso com a transformação da educação “se expressa de alguma forma nas filiações teóricas, nos problemas de pesquisa, nas concepções epistemológicas e metodológicas utilizadas, escolhas todas nas que participam as motivações, valores e concepções de seus autores” (MARTINEZ, 2010, p. 134).

É importante conhecer as diversas realidades. Por exemplo, em uma pesquisa feita com psicólogos em escolas particulares enquanto “uns alegaram ter condições e liberdade para criar e desenvolver atividades, outros se consideraram tolhidos por uma estrutura fechada, resistente a mudanças” (SOUZA; RIBEIRO; SILVA, 2011, p. 55). As autoras trazem em sua pesquisa diversas falas que apresentam sérios problemas relacionados à imagem do profissional da Psicologia na instituição escolar, isso chama atenção para a necessidade de responsabilidade e empenho na



consolidação de práticas que o identifiquem como um profissional capaz de colaborar efetivamente no processo educacional.

Do mesmo modo, é de extrema importância considerar fatores como a gestão da escola, o contexto social e econômico e o objetivo da escola. A que se propõe a escola? Considerando o cenário de educação inclusiva, Pego et al (2014) considera o acolhimento como fator de suma importância para o processo de inclusão escolar, e por isso, nesse ambiente, o psicólogo escolar como mediador, deve ter competências e habilidades interpessoais imprescindíveis para desenvolver um trabalho eficaz e manter boas relações.

Ao longo do período letivo 2015.1, cursamos a disciplina *Práticas Integrativas em Psicologia II*, cuja proposta é promover a articulação entre teoria e prática a partir dos cenários educacionais. As observações e discussões em sala de aula, assim como o nosso olhar para o trabalho desenvolvido pelas psicólogas nas escolas que visitamos eram norteados pela questão: “qual a função do psicólogo na escola?”. Apesar de recentes mudanças nesse cenário, costumeiramente a prática psicológica é associada à clínica individual e a partir disso se pensa em um trabalho de escuta clínica nas mais diversas instituições que possibilitam o trabalho do profissional de Psicologia. Na escola não é diferente.

A presença do psicólogo na escola não é recente. Em uma época onde o professor era o principal personagem no processo ensino-aprendizagem, a Psicologia entra no cenário escolar, com objetivo principal de controle e correção, dando suporte ao que a Educação não dava conta. Através de testes psicométricos, o psicólogo legitimava as diferenças caracterizando os aptos e os inaptos, realizando diagnósticos fechados e individuais que justificavam o fracasso escolar: a incapacidade do aluno, falta de esforço do mesmo ou algum déficit mental são alguns exemplos.

Atualmente, considerando o aluno, o professor e a família como importantes no processo de ensino-aprendizagem e com um aprimoramento dessas primeiras práticas temos hoje o que Martinez (2009) chama de práticas tradicionais do psicólogo escolar. Estas são ações mais voltadas para os aspectos individuais, como aptidão, fracasso escolar e problemas cognitivos. Algumas das práticas são: avaliação, diagnóstico, atendimento e encaminhamento de alunos com dificuldades escolares; orientação profissional; orientação à família do aluno; e, formação e orientação de professores. As práticas tradicionais estão relacionadas aos “problemas concretos que, em relação ao desenvolvimento e à aprendizagem dos alunos, tem que ser enfrentados e resolvidos no cotidiano, e para os quais o trabalho do psicólogo se configura como uma resposta” (MARTINEZ, 2009, p. 171).



A autora também apresenta as “novas” formas de atuação do psicólogo escolar que consideram a dimensão psicossocial da escola. As práticas emergentes, como caracteriza Martinez (2009), norteiam o olhar do profissional da Psicologia para aspectos sociais como o ambiente escolar e também o contexto social, histórico, econômico, cultural no qual está inserida a escola e os alunos. São exemplos de práticas emergentes: diagnóstico, análise e intervenção a nível institucional, participação na construção, acompanhamento e avaliação do projeto político-pedagógico da escola, realização de pesquisas visando aprimorar o processo educativo. Essas ações não costumam surgir como demanda explícita para o psicólogo, mas ele deve ter posição ativa e criativa, pois “no exercício destas atividades se concentra grande parte do potencial transformador da ação do psicólogo para mudanças significativas nos espaços educativos concretos” (MARTINEZ, 2009, p. 172).

É importante destacar que as práticas tradicionais e as práticas emergentes não são excludentes, sim, complementares, afinal não se pode desconsiderar o aspecto individual do sujeito e nem as distinções que caracterizam diferentes realidades sociais. Além disso, é necessário ampliar o olhar para questões que as teorias não abordam.

Por isso, as disciplinas de Práticas Integrativas e visitas aos ambientes nos quais atua o profissional da Psicologia se mostram tão relevantes na formação dos futuros psicólogos. Conhecer a teoria, a aplicação desta e a prática que a teoria não subsidia traz ampliação de perspectivas, o desenvolvimento de um pensamento crítico e mostra a demanda de uma ação pautada no compromisso social.

Assim, buscamos através desse trabalho articular as teorias estudadas com o que se observou nas visitas a fim de saber quais são as aplicações reais da teoria, quais são as maiores demandas e conhecer como tem se dado a prática do psicólogo no cenário educacional atualmente.

## **METODOLOGIA**

Antes de iniciarmos nossas visitas as escolas, realizamos diversas leituras sobre Psicologia Escolar. Umas mais abrangentes, falando do cenário atual, outras mais focadas, que abordam, por exemplo, ensino religioso e educação inclusiva. Após alguns debates sobre os temas em sala de aula, fomos às instituições em um grupo formado por 15 estudantes do curso de Psicologia da UFCG – a maioria cursando o 5º período -, conduzidos pela professora responsável pela disciplina,



que proporcionou as orientações para as observações e entrevistas que seriam realizadas com os profissionais em suas respectivas instituições de trabalho. As entrevistas foram guiadas por um roteiro de questões que nos permitiu uma organização flexível e a ampliação dos questionamentos à medida que as informações foram fornecidas pelos entrevistados.

A entrevista é a técnica de coleta de dados mais utilizada no processo de trabalho de campo. Por meio desta, é possível para o pesquisador obter informações, coletar dados objetivos e subjetivos os quais estão relacionados com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados. Conforme Boni e Quaresma (2005), a entrevista semi-estruturada é um recurso bastante interessante. Permite que o pesquisador tome por guia um conjunto de questões previamente definidas, em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal.

As entrevistas foram analisadas de forma qualitativa. Conforme orientação de Minayo (1996), realizamos a leitura exaustiva dos depoimentos e a categorização dos dados, recortando, no texto, e agrupando as unidades de registro de acordo com suas afinidades temáticas. Por fim, buscamos a compreensão e interpretação dos dados, integrando-os ao referencial teórico acerca do tema.

No período de 27 de Outubro a 19 de Novembro de 2015 foram realizadas visitas a quatro instituições de ensino localizadas na cidade de Campina Grande/PB - que terão seus nomes alterados, assim como as psicólogas terão seus nomes mantidos em sigilo, para manter o anonimato e proteger a identidade das mesmas.

A Escola Azul é uma escola particular na qual estudam cerca de dois mil e trezentos alunos distribuídos desde o Ensino Infantil (EI) ao Ensino Médio (EM). Na visita realizada dia 27 de Outubro, conversamos com a psicóloga responsável pelo Ensino Médio.

A Escola Amarela é uma escola particular que tem em torno de 300 alunos distribuídos do maternal ao 5º ano. A visita foi realizada dia 29 de Outubro.

A Escola Verde é organização social, cujo objetivo principal é promover a atenção integral à pessoa com deficiência. Na visita realizada no dia 10 de Novembro, conversamos com duas psicólogas: uma trabalha na parte de Equoterapia – setor que atende 75 pessoas (de crianças a idosos); e a outra é coordenadora do setor de Psicologia da escola – que atende mais de 400 pessoas.

A Escola Vermelha é uma escola pública que tem em torno de 300 alunos distribuídos entre o Ensino Infantil e Ensino Fundamental I. Realizamos essa visita dia 19 de Novembro.



Para coleta dos dados, utilizamos o diário de campo como instrumento para registrar nossas observações e os pontos que consideramos importantes nos relatos das profissionais.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **1. Escola Azul**

A Escola Azul é uma escola particular de Campina Grande que tem em torno de dois mil e trezentos alunos distribuídos do Ensino Infantil – que recebe crianças a partir de um ano e meio – ao Ensino Médio. A escola é confessional, ou seja, tem caráter religioso nos princípios que regem as normas da escola, mas não impõe doutrina aos alunos, respeitando a diversidade religiosa, se preocupa com a formação do caráter dos estudantes, considerando a importância de desenvolver valores, cidadania e princípios.

O prédio da escola ocupa um quarteirão onde tem uma parte mais antiga, construída há 63 anos, e uma mais nova, com 16 anos, onde funciona o Ensino Médio. O espaço interno é amplo, bem conservado e aparenta boa manutenção. Para os estudantes terem contato com a natureza, a escola mantém uma parte preservada do antigo sítio que foi mantido após a reforma estrutural na escola, e, além disso, no referido espaço, são desenvolvidos projetos de sustentabilidade.

O EF I funciona no turno da tarde e o EF II pela manhã, tanto o EI como o EM tem a possibilidade de ser cursado em período integral. A escola é referência em ensino na cidade. As mensalidades variam entre R\$ 500,00 e R\$ 900,00, mas por ter caráter filantrópico, a escola concede certo número de bolsas com isenção de 100% do pagamento.

A escola possuiu três psicólogas, cada uma responsável por um módulo: uma para o Ensino Fundamental I, uma para o Ensino Fundamental II e uma para o Ensino Médio; as três se revezam para atender o Ensino Infantil. Na visita realizada conversamos com a psicóloga responsável pelo Ensino Médio, - que tem formação clínica, especialização em adolescência e em orientação profissional. Pela afinidade com esses temas, ela exerce a função de psicóloga há 13 anos na escola.

Apesar de ser responsável pelo EM, a referida profissional nos apresentou as ações realizadas pelas psicólogas que atuam no EI, a saber: assessoria aos pais, realizando rodas de conversa e discussão sobre diversos assuntos, como dinâmicas familiares e o reflexo desta no desenvolvimento dos filhos; como também atuando junto às professoras, falando de intervenções precoces e manejos, ainda mais com crianças deficientes. No EF I, a psicóloga responsável trabalha



principalmente com questões relacionadas à fala e à alfabetização. Foi destacado que a escola realiza um trabalho muito intenso com as famílias.

O EM é inovador e voltado para o ENEM. Possui telas digitais e tablets, projeto de orientação profissional, empregabilidade e empreendedorismo. De acordo com a psicóloga responsável por este nível de ensino, a maior dificuldade dos alunos advém da angústia em relação ao futuro. Ela relata que os adolescentes se sentem cobrados pelos pais e por isso se sentem ansiosos, chegando a somatizar. Para atender estes casos, segundo a referida psicóloga, a formação psicanalítica que dispõe lhe é bastante útil, pois lhe auxilia na escuta e manejo destes casos.

Ela fala também que a escola tem zelo pelas psicólogas e que a Psicologia tem um espaço reconhecido na escola, assim como também uma enorme responsabilidade. Por isso, ela traz a sua formação profissional como principal desafio na sua atuação. Ela afirma que a formação precisa ser encarada em sua totalidade, ter embasamento e profundidade para saber lidar com as diversas demandas que surgem no espaço escolar. Apesar de sentir a necessidade de mais psicólogos na escola, ela diz gostar do que faz, gosta de trabalhar com adolescentes e também na escola em que atua.

## **2. Escola Amarela**

A Escola Amarela se apresenta como sendo de base construtivista e sociointeracionista, fundada por uma psicóloga. É uma escola pequena voltada para o Ensino Infantil e Ensino Fundamental I, possui ensino regular e integral. Na escola estudam 300 alunos e as turmas tem entre 14 e 25 alunos. As mensalidades variam entre R\$ 500,00 (ensino regular) e R\$ 1400,00 (5 dias com ensino integral).

A psicóloga que nos recebeu é a única da instituição e exerce suas funções em três períodos: duas manhãs e uma tarde. Possui formação clínica, trabalha há nove anos na escola, onde começou sendo chamada para breves consultorias. Ela diz que no começo os profissionais a receberam com receio, por achar que estavam sendo analisados a todo instante. Mas hoje, em função do trabalho desenvolvido, foi conquistado um espaço em que há confiança e respeito pelo seu trabalho.

Esta profissional trabalha com os professores, tanto para discutir algum assunto teórico como para acolher as angústias desses profissionais. Desenvolve ações com os pais, principalmente para discutir atitudes em casa que refletem na aprendizagem e no comportamento da criança na escola. Faz intervenções com os alunos para saber o que está acontecendo, por exemplo, em casos de agressividade, e também com alunos com doenças mentais, trabalhando com o desenvolvimento da autonomia e compreensão das reais dificuldades e potencialidades.



Os principais desafios que lhe surge são: tirar as crianças do lugar de diagnóstico (autista, deficiente, criança “com problema”) que os pais e professores costumam colocar; mostrar que as crianças têm sentimentos, pensamentos e vontades, sua própria singularidade que os pais costumam negar, impondo suas idealizações, e; trabalhar com a família a importância de reconhecer sua responsabilidade de educar filhos e não delegar esta tarefa para a escola.

Apesar de todas essas considerações, a profissional em questão não se considera “psicóloga escolar”. Ela diz que faz um trabalho diferente, não fica recebendo os alunos e pais no sua sala com seu birô. Ela nem tem sala, como frisou algumas vezes. Diz que a atuação na escola lhe é prazerosa, pois todo dia acontece uma coisa nova.

### **3. Escola Verde**

A Escola Verde é uma organização filantrópica, sustentada por doações e oferece serviços de reabilitação e estímulo para pessoas com algum tipo de deficiência. Atende mais de 400 pessoas (entre crianças, adolescentes, adultos e idosos) em diversos setores, como: ensino, acompanhamento pedagógico, serviço social, ortopedia, fisioterapia respiratória, fisioterapia motora, grupo de estimulação clínica, equoterapia, fonoaudiologia, psicologia individual, psicologia em grupo, odontologia e outros.

Conversamos inicialmente com a psicóloga que desenvolve seu trabalho no setor de Equoterapia, um tratamento que é coadjuvante, pois é desenvolvido em parceria com outros tratamentos (médico, fisioterápico, de terapia ocupacional). A Equoterapia da Escola Verde atende 75 pessoas em sessões semanais de 30 minutos cada, e visa, além do tratamento motor que o movimento da equitação proporciona, desenvolver autonomia e autoconfiança, respeito e vínculo com o cavalo, e por isso é um trabalho interdisciplinar onde há monitores de equitação, fisioterapeutas, psicólogos, pedagogos e médicos para realizar a triagem e analisar ver a possibilidade da Equoterapia para determinados pacientes. Além disso, a psicóloga nos fala que tem que desenvolver conversas com os pais para falar de superproteção, da participação deles, criação de vínculos e dos possíveis benefícios da Equoterapia.

Em seguida, falamos com a psicóloga que é coordenadora do setor de psicologia da Escola Verde. Esse setor é responsável pela brinquedoteca e por atendimentos em grupo e individuais. As turmas são divididas por nível cognitivo e que há limitações no ensino, como não poder avançar em assuntos mais complexos. Alguns alunos que tem potencial para ir para o ensino regular, são encaminhados, contudo, algumas mães insistem para o filho continuar na Escola Verde por causa do *bullying*, preconceito e exclusão que sofrem na escola regular. A partir disso, a psicóloga também





apresenta sua maior dificuldade para realizar o trabalho: a maioria das famílias dos alunos/pacientes não colabora, não segue as orientações, não sabe impor limites, impedindo o avanço dos filhos.

De acordo com essa profissional a demanda é grande e por esta razão, a figura do estagiário do curso de psicologia é de suma importância para o trabalho realizado na Escola Verde. Tanto para que nós estudantes possamos conhecer diversas possibilidades de atuação e a realidade dessa escola, como também para auxiliar o setor de Psicologia.

#### **4. Escola Vermelha**

A Escola Vermelha é uma escola pública de Ensino Infantil e Ensino Fundamental I que tem em torno de 300 alunos. Localizada em um dos bairros mais valorizados de Campina Grande, a escola recebe a maioria dos alunos de um bairro periférico. A escola não é grande, mas tem um espaço amplo. A maioria dos alunos vive em situação de vulnerabilidade social: tem pais ausentes, convivem de perto com tráfico de drogas e crimes como furtos e assaltos. A escola tem duas psicólogas, uma para o período da manhã e outra para o turno da tarde.

A psicóloga contatada desta instituição diz que lá tem 1001 funções: assistente social, advogada, orientadora; diz que faz de tudo “menos psicologia”. Para ela, o psicólogo ainda é visto como identificador de problemas e apagador de incêndios. Diz ainda que acredita na possibilidade da educação de desenvolver a cidadania, a vontade de crescer na vida e mostrar que o futuro pode ser diferente, mas acrescenta que é necessário reconhecer que o contexto social às vezes dificulta o trabalho que ela quer fazer. Quando se faz necessário encaminhar algum aluno para um trabalho em rede, comenta que vê a falha nos dispositivos, principalmente na falta de *feedback*.

Apesar de surgirem muitos “incêndios” para ela apagar, ela afirma que a principal demanda ainda é pedagógica: dificuldade de aprendizagem, déficit de atenção, etc. Ela diz que sua formação é de acordo com a demanda e a perspectiva é de acordo com “o que tem pra hoje”. Em seu longo relato, ela ressaltou inúmeras vezes dificuldades e casos difíceis que enfrenta na escola. Apesar de apresentar também os casos que deram certo, a primeira frase que ouvimos sobre sua atuação na escola foi “é muito frustrante”.

A diversidade de cenários apresentados proporcionou um conhecimento da prática do psicólogo escolar e também gerou muitas discussões. A distonia entre teoria e prática se mostrou muito visível. A teoria insiste para que o psicólogo atue “com autonomia, força e criatividade, tentando vencer as dificuldades e resistências de natureza diversa que inevitavelmente estão presentes nos espaços sociais complexos como os contextos educativos” (MARTINEZ, 2010, p.



176) ou “admitir um plano de superação profissional que lhe permita estar à altura do que se pode esperar de sua ação nas condições concretas da escola em que atua” (PEGO et al, 2014, p. 194) ou ainda “contribuir para que a escola ou instituição educacional seja um espaço democrático de acesso ao saber culturalmente instituído e da produção de novos saberes” (GUZZO, 2008, p. 53)

Contudo na prática percebe-se que o psicólogo escolar é mais solicitado a intervir em situação de emergência e na mediação de conflitos ocorridos na instituição, ou como colocou uma das profissionais, “apagar incêndios”. Em uma pesquisa feita com psicólogos em escola públicas na cidade de Campina Grande, Medeiros e Aquino (2011, p. 232) mostram que “o psicólogo na escola é muito solicitado para atender a ‘criança problema’, e cobra-se uma resposta imediata do profissional”.

Como estudantes de Psicologia, compreendemos o caráter de transformação social que está implicado na nossa prática, mas essa não é a demanda que surge de professores, coordenação e família. A principal demanda que surge ao profissional da Psicologia – não apenas da escola, mas de todos os novos ambientes no qual o psicólogo se insere – é construir seu espaço e fazer compreender suas competências. Mas para isso é necessário que o próprio profissional se afirme nesse lugar. A falta de uma especificidade do trabalho do psicólogo no contexto educacional parece que deixa mais frágil o perfil profissional e dificulta uma atuação eficaz (MEDEIROS; AQUINO, 2011). Além disso,

promover mudanças intencionalmente constitui um processo difícil já que os efeitos de qualquer ação intencional não dependem diretamente da ação mesma, mas da forma em que é percebida, compreendida e assumida pelas pessoas a quem vai dirigida. Os sentidos subjetivos que estas produzem são decisivos para compreender os possíveis desdobramentos das ações direcionadas ao câmbio. A complexidade dos processos de mudança no contexto educativo muitas vezes demanda, dos profissionais decididos a promovê-los, o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e características pessoais que infelizmente não tem sido objeto de especial atenção nas instituições que formam psicólogos. (MARTINEZ, 2010, p. 176)

A estrutura de transformação individual ao longo do desenvolvimento humano tem como base a sociedade e a cultura nas quais o indivíduo está inserido (PEGO et al, 2014). Vimos que as principais dificuldades relatadas pelas psicólogas estão relacionadas à família, seja na imposição de metas e cobrança demasiada dos filhos, idealização e superproteção, não imposição de limites ou negligência. Nestas situações vimos que o psicólogo aparece para dar suporte no processo ensino/aprendizagem tanto para os educadores, como para familiares dos respectivos alunos também.



Portanto, há a necessidade de se contextualizar a ação do psicólogo na realidade educacional e social brasileira, ao mesmo tempo em que se institui sua regulamentação para atuação nos espaços educativos. Ao psicólogo escolar cabe a função de contribuir, junto com educadores, para a promoção da aprendizagem e do desenvolvimento das crianças, a partir de uma perspectiva mais integral do sujeito do que vem enfatizando a escola. Ou seja, além do desenvolvimento cognitivo, deve-se promover o desenvolvimento emocional, social e motor por meio de intervenção com as crianças, suas famílias e comunidade (GUZZO, 2009).

## CONCLUSÕES

As experiências vivenciadas nos permitiram visualizar o campo de atuação do psicólogo escolar, as demandas pontuais, as dificuldades comuns. É perceptível a importância da presença do psicólogo nas escolas. Apesar das barreiras e desafios, as psicólogas se mostraram motivadas a continuar sua prática e expor cada vez mais os benefícios da sua atuação, consolidando seu lugar nas instituições e mostrando a necessidade de mais profissionais da Psicologia nas equipes para uma prática mais efetiva e de maior alcance.

É importante considerar a quebra da dicotomia pesquisa-profissional, para assim desenvolver produções acadêmicas que se apliquem às nossas realidades brasileiras, de maneira crítica, com critérios como: preocupação com a realidade social imediata; a vocação emancipadora; e o caráter reflexivo. Além disso, que haja discussões, de maneira mais direta, sobre os resultados com os psicólogos atuantes e com outros profissionais da área da educação, professores, família e gestores políticos.

É essencial que exista um trabalho paralelo desenvolvido mais direcionado à família, mostrando a importância de sua participação na educação dos filhos, como também um número maior de profissionais, pois vemos que a demanda é grande. Contudo, sabemos que o que se tem nas escolas é o discurso “se tem dinheiro pra contratar um psicólogo, é melhor contratar mais dois professores”. Por isso, como última sugestão: é preciso trazer essas discussões para a graduação dos psicólogos e especializações para que o profissional da Psicologia possa trabalhar e afirmar seu lugar no campo educacional.



## REFERÊNCIAS

**BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 De Dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: [http://www.emtese.ufsc.br/3\\_art5.pdf](http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf) . Acesso em 02 Dez 2015.

DEL PRETTE, Zilda. Psicologia, educação e LDB: novos desafios para velhas questões. In: GUZZO, Raquel (Org.). **Psicologia escolar: LDB e educação hoje**. Campinas: Alínea, 1999.

GUZZO, Raquel et al. Psicologia e Educação no Brasil: Uma Visão da História e Possibilidades nessa Relação **Psic.: Teor. e Pesq.**, v.26, n. especial, p.131-141, Brasília, 2010.

MARTINEZ, Albertina M. Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v.13, n.1, p.169-177, 2009.

MEDEIROS, L. G.; AQUINO, F. S. B. Atuação do psicólogo escolar na rede pública de ensino: concepções e práticas. **Psicol. Argum.**, Curitiba, v. 29, n. 65, p. 227-236, abr./jun. 2011.

MINAYO, M. C. De S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo, 1996.

PEGO, V. O. R et al. O psicólogo escolar como mediador no processo educacional inclusivo. **Caderno de Graduação Ciências humanas e sociais**, Maceió, v. 2, n. 2, p. 185-198, nov. 2014.

SOUZA, Cláudia Silva de; RIBEIRO, Maria José; SILVA, Silvia Maria Cintra da. A atuação do psicólogo escolar na rede particular de ensino. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Maringá, v.15, n.1, p.53-61, 2011.